

Análise do filme Capitão América: o primeiro vingador (2011): representações dos Estados Unidos pelos contextos históricos e sociais cinematográficos

Gabriel Pierri de Souza

Um filme pode ser visto como um documento histórico, porém, este recentemente produzido e estudado no presente artigo, não pode ser considerado como uma fonte histórica, ao pé da letra, pois o mesmo já está fora de sua linha temporal onde aconteceram os seus fatos. Os fatos são representados com outras concepções, entretanto esta obra cinematográfica pode ser uma rica fonte de análises e comparações mesmo muito tempo depois de seus acontecimentos, quando estes mesmos são representados, no caso do filme, pelos vencedores da guerra. Portanto o objetivo deste é realizar uma análise de como é representada a Segunda Guerra Mundial e a situação dos EUA transmitida pelo filme.

Venho a concordar com o pensamento de Mônica Kornis, que segue da seguinte maneira:

Não é possível ignorar o impacto causado pela criação e difusão do cinema e outros meios de comunicação de massa na sociedade do século XX. Como objeto industrial, essencialmente, reproduzível e destinado às massas, o cinema revolucionou o sistema da arte, da produção à difusão (KORNIS, p. 237).

O mais importante de assistir um filme e usá-lo como documento histórico (no caso do presente artigo o documento estaria referindo aos acontecimentos de outra época com valores mais atuais), talvez não seja somente “ler” as imagens que este passa, mas realizar análises que devem ir além das imagens, até criamos a mania de observar a “imagem oculta”, aquela que não é representada, que não é vista pelos olhos. Devemos aprender a ver aquilo que os produtores querem passar para os telespectadores de forma oculta, uma ideologia, talvez.

O filme, tanto o produzido no tempo dos acontecimentos de sua própria temática, quanto àquele que é uma produção posterior de tais acontecimentos, não é só visto como um produto, mas também pode ser visto como um agente da história, como afirmou Marc Ferro.

Analisar tal filme não é uma tarefa fácil, pois o mesmo está recheado de

discussões que surgem do próprio contexto histórico e social em que se passava na época e da adaptação das histórias - originalmente publicadas nas revistas em quadrinhos pela editora Marvel Comics (Timely Comics na época) em 1941⁷ cujas mentes criadoras foram John Simon e Jack Kirby - para a atual versão nos cinemas. Uma breve introdução da série enquanto revista em quadrinhos, para um entendimento prévio e consequentemente abrindo caminho para uma análise mais profunda do filme é indispensável.

Os Estados Unidos vivia o período da Segunda Guerra Mundial, quando o governo mais necessitava de um símbolo ideológico para motivar sua população a aumentar os espíritos nacionalistas. Usamos o seguinte conceito de ideologia,

A ideologia é um sistema de ideias, peculiar a determinado grupo e condicionado, em última análise, pelos interesses desse grupo. A função da ideologia consiste na conquista ou conservação de um determinado status social do grupo e de seus membros. Doutrinas políticas, religiosas, econômicas e filosóficas desempenham, geralmente, funções de ideologia. (GOMES, 2002).

As ideologias propostas por um grupo entrarão em prática pelo o que Louis Althusser chamou de AIE (Aparelhos Ideológicos de Estado), o que é justificável, pois existem vários Aparelhos Ideológicos de Estados, um deles seria o Aparelho ideológico da cultura e/ou da informação, que no caso desse estudo está sendo transmitido por uma revista onde é transmitida informações junto com a cultura dominante. Designados por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas (ALTHUSSER, 1974).

O personagem Capitão América é um dos super-heróis “encomendados” pelo governo norte-americano para suprir essa necessidade de divulgação ideológica. Na história envolvendo cultura visual sempre, ou quase sempre, existiram segundas intenções na produção de entretenimento. Simmons e Kirby encarregaram-se de criar este personagem, que viraria símbolo para os norte-americanos. Os criadores deram vida há Steve Rogers, um jovem fisicamente fraco e com um sistema imunológico frágil, porém que tinha em suas veias a vontade de lutar pelo seu país contra o nazismo, em prol da liberdade. Dentre muitas tentativas fracassadas de Rogers para ingressar no

⁷ A versão teste foi publicada em dezembro de 1940. Os autores tinham medo de Hitler ser morto antes do lançamento da revista.

exército, o Dr. Reinstein⁸, um cientista brilhante criador da fórmula do supersoldado, convidou o jovem Steve a participar de um projeto secreto, financiado pelo governo. Steve não tinha mais o que perder e aceitou ser uma das “cobaias”. O doutor injetou o soro do supersoldado nele, conseqüentemente Rogers teve seu corpo transformado, com o aumento dos seus músculos, adquirindo uma grande habilidade física. Entretanto, na sala do experimento, estava presente um espião de Hitler que matou o doutor com um tiro a queima-roupa, levando consigo em sua memória a fórmula do soro. Rogers era até então o único que continha o soro correndo em suas veias, vindo se tornar o Capitão América, no qual era seguido por um sentimento de ser defensor da democracia, da justiça e do modo de vida americano.

O capitão seria a síntese da ideologia militarista norte-americana: um herói intervencionista, que toma a justiça pelas próprias mãos, contra governos estrangeiros que representariam “o mal”, justamente por seguirem outro modo de vida que não o norte-americano (DORFAMAN & MATTELART, 1980).

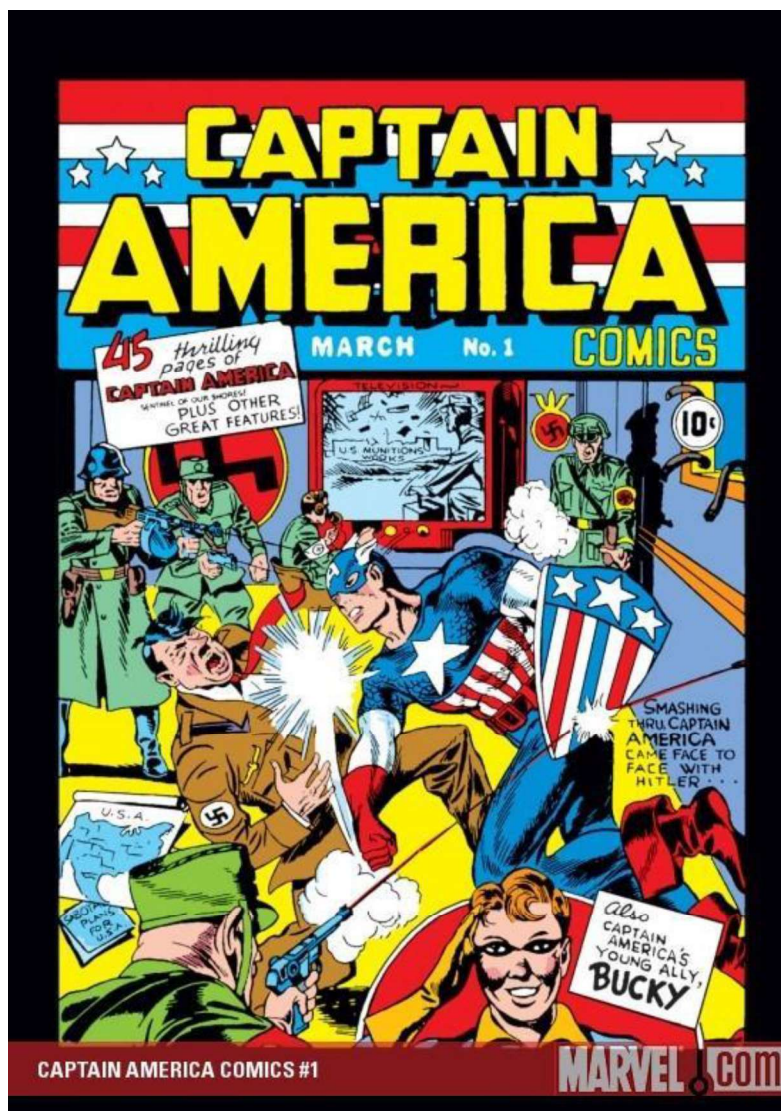
Seu dever era lutar em defesa dos EUA – “nós atacamos para nos defender” – portando um escudo (não circular como na versão mais atual) representando a “defesa”, o que retratava muito bem a política norte-americana. Por que não um super-herói que porta um escudo como representante? O Capitão tinha o seu “sidekick” James Bucky, um parceiro de aventuras, pode-se dizer que ele era o seu parceiro - aprendiz, como Robin é de Batman. O *Caveira Vermelha* é um soldado-aprendiz de Hitler e inimigo dos Estados Unidos, portanto inimigo do Capitão América.

Durante os últimos dias da 2ª Guerra Mundial, um avião foguete carregado de explosivos – lançado pelo barão Henrich Zemo, um cientista nazista – explodiu com o Capitão e Bucky a bordo, matando o jovem e lançando seu mentor, ileso, nas gélidas águas do Oceano Ártico. O Soro do Supersoldado, combinado com o frio extremo das águas, permitiu ao Capitão sobreviver por anos em estado de animação suspensa. (Enciclopédia Marvel, 2002).

Figura 1⁹

⁸ Na versão HQ ele se chamava assim, já no filme o nome dele é Dr. Abraham Erskine.

⁹ Figura 1. Na capa de *Captain America #1*, devemos pensar na importância que esta teve em 1941, ou em 1940 na tiragem teste. A capa encarrega-se em passar uma má imagem da Alemanha nazista, com as suásticas do partido espalhadas pela capa. A imagem tem o intuito de representar o Capitão América batendo no próprio Hitler e destruindo o plano dos nazistas de sabotar os Estados Unidos. Percebemos que o Capitão estava literalmente defendendo a sua nação contra as forças inimigas, motivando os compatriotas a lutarem junto a ele.



Fonte:

http://marvel.com/comics/issue/7849/captain_america_comics_1941_1

Capitão América: o primeiro vingador.

Já na franquia cinematográfica lançada em 2011 e dirigida por Joe Johnston, o filme começa com a busca de Johann Schmidt (Hugo Weaving) mais conhecido como Caveira Vermelha (um comandante à princípio a serviço de Hitler) por um cubo que possui um poder inigualável, quando achado, na Noruega, esse será o motivo do comandante em seguir com seus planos de dominação do mundo usando uma versão do nazismo, porém com o nome de Hidra. Steve Rogers (Chris Evans) é um franzino garoto que tenta ingressar a todo jeito no exército, mas é sempre barrado por seu porte físico e problemas de saúde não serem considerados aptos. Em uma cena, ainda o pequeno

Rogers, está no cinema, antes do filme começar era comum passar na tela um curto filme cujo objetivo era inspirar e incentivar os americanos a lutarem por seu país de qualquer modo possível, entretanto o curto filme parece que não tem esse potencial. Vemos então à necessidade dos EUA de possuir uma figura ideológica para ser assim usada em prol aos interesses do seu governo.

A construção de um super-herói

Enquanto participava da Feira Mundial de Nova Iorque com seu amigo Bucky Barnes (Sebastian Stan), Rogers numa última tentativa de se alistar discute com Bucky, quem tenta convencê-lo a desistir da ideia, enquanto isso o Dr. Erskine (Stanley Tucci), escutando a conversa de Rogers com Barnes sobre o seu desejo de ajudar na guerra, sente-se comovido e permite que Rogers se aliste, pois para o doutor ele possui as qualidades de um homem bom e honesto, e isso seria o quesito principal para a execução do experimento. Steve é recrutado como parte de um experimento secreto para a criação de um exército de "supersoldados", sob o comando do Coronel Chester Phillips (Tommy Lee Jones) e da agente britânica Peggy Carter (Hayley Atwell). Num pronunciamento o Coronel diz, “guerras não são vencidas com armas, são vencidas com homens, e nós temos os melhores homens”, neste exato momento ele quis se referir aquele que dos poucos voluntários do experimento seria o futuro da guerra pro Estados Unidos. Enquanto o Johann Schmidt junto com o seu parceiro cientista conseguiram controlar o poder do cubo e criar uma arma perfeita para vencer a guerra e dominar o mundo. Os Estados Unidos preparava suas defesas, uma delas seria pela ideologia, enquanto a Hydra preparava suas armas de ataque. A Hydra neste caso do filme torna-se um perigo tão grande quanto ao próprio Hitler. Schmidt é o Caveira Vermelha, ao contrário da versão original, no filme ele não só tem a intenção de representar o símbolo temível da supremacia nazista, como também dominar o mundo¹⁰.

Vendo o Capitão como símbolo dos EUA e de tudo que aquela nação representava, o Caveira considera o Capitão América o seu inimigo ideológico e, desta forma pretende destruir o herói e tudo o que ele representa (SANTOS, 2008).

Ao contrário dos demais concorrentes ao experimento, Rogers se dá mal em todos os testes físicos, às vezes até sendo trapaceado, porém ele não perde o seu espírito de honestidade e determinação, contando com uma vantagem dos demais, ele usa a

¹⁰ Na Alemanha o título foi: “O primeiro vingador”.

cabeça, pela inteligência, e não os músculos. O Coronel insiste em desclassificá-lo e substituí-lo por um soldado grande e forte, mas o doutor enxerga alguma coisa nele que vai além de testes físicos, o pequeno Rogers tem “bondade em seu coração”. Schmidt foi o primeiro a ser testado pelo doutor com o soro do supersoldado, porém o soro aumenta todas as qualidades físicas e psicológicas de um ser humano, o soldado que veio a se tornar o Caveira Vermelha tinha sentimentos de raiva e ódio, o soro contribuiu para estes sentimentos aumentassem junto com a sua força. O Caveira tornou-se a criação de um cientista Frances a serviço da Alemanha que, na visão dos americanos, não resultou no esperado e Adolph Hitler foi quem gostou do resultado. Em seguida o doutor veio a servir os americanos. O interessante destacar neste momento, é que o super-herói que virá a ser criado, tem de ter o seu arqui-inimigo, o chamado “maniqueísmo”, que por acaso já existiria antes do herói, mas numa atuação discreta. Como diz o autor do livro “heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos”:

Um super-herói só é um super-herói quando tem que colocar em prática seus poderes e isto só pode ocorrer havendo uma população de seres poderosos num mundo em que ele vive e combate, ou seja, o super-herói só pode existir, em constante relação com super-vilões e com outros super-heróis (VIANA, 2005).

Podemos considerar que o Caveira Vermelha passa ser oficialmente um “supervilão” no momento em que o Capitão América enfrenta o exército da Hidra pela primeira vez, até então ele era apenas um líder estrategista dos seus seguidores, com interesses particulares em dominar o mundo.

A propaganda ideológica do Capitão América em seu filme

Durante a Segunda Guerra, os EUA mantinham-se numa posição de “neutralidade” entre os dois grupos em conflitos até o momento em que a França caiu diante a Alemanha, deixando a Inglaterra sozinha, foi então que o governo americano resolveu mobilizar ajuda ao seu país aliado. Hitler não aprovaria essa “reviravolta” dos Estados Unidos. Quando o Japão atacou a base aérea dos Estados Unidos, Pear Harbor, tornando isso o estopim para os americanos declararem guerra às potências do Eixo.

Este momento era crítico para ambos os lados, e os Estados Unidos necessitava de uma estratégia publicitária para motivar seus compatriotas a aumentarem suas produções. Com o ataque a Pear Harbor o governo americano aproveitou a oportunidade e aumentou ainda mais o ódio contra os alemães e japoneses com campanhas

publicitárias. Entretanto, no filme o que vai encorajar os americanos a se alistarem e aos demais trabalharem o dobro, será a aparição de Steve Rogers nas capas de jornais, atuando contra o espião nazista que matou o Dr. Erskine, sendo visto como a nova esperança do país em vencer a guerra.

Porém o Capitão não é usado em campos de batalhas, ao contrário, ele é o garoto propaganda de motivação, o que dá certo para os civis e crianças, que o enxergam como um “verdadeiro” herói sem mesmo ter participado da guerra em campo de batalha. Atuando em shows de apresentação, o Capitão tem a tarefa de fazer o público comprar bônus, pois com os bônus vendidos o governo teria mais verba para aumentar o seu poder bélico. Seu texto de apresentação era, “Nem todos podemos invadir uma praia ou dirigir um tanque, mas todos podemos lutar de um jeito. Bônus de defesa, cada um que você compra é uma bala no cano da arma do seu irmão”. Enquanto Rogers dava seus discursos em shows, a venda de revistas em quadrinhos subia, e elas chegavam às mãos de crianças, civis e soldados americanos em campo de batalha, tendo assim uma motivação extra para vencer a guerra.

Figura 2¹¹.



Fonte: Capitão América o primeiro vingador (2011)

¹¹ Imagem de um soldado lendo uma HQ retirada do filme “Capitão América o primeiro vingador”

Figura 3¹².

Fonte:

http://www.youtube.com/watch?v=jdEP1_njs6w&list=PLkVVQTy3LEWN5x_7!djsAthKWecl6Ce9q

Mesmo considerando que os soldados em campo de batalha sejam heróis, porém o governo americano necessitava de uma figura de superioridade, mas que mantivesse este lado “humano”, que na representação do Caveira não existe. “Os heróis – tanto os fictícios quanto os reais – são habilidosos, corajosos, excepcionais, mas sem superpoderes¹³”, os heróis eram necessários para uma luta no mundo real, porém eram os super-heróis que conseguiam ser os espelhos e tinham o dever de também lutar em guerra. Vejamos o caso do Capitão,

Ele recebe um soro que lhe fornece sua força sobre-humana e um escudo que se torna uma das armas mais poderosas, aliadas a suas habilidades próprias, elas os tornam um super-herói, sem grandes poderes, sem dúvida, mas muito mais poderoso do que um ser humano comum. (VIANA, 2011).

Em outras palavras, os super-heróis são necessários atuando em um mundo

¹² Soldado estadunidense lendo uma HQ em campo de batalha. Imagem retirada do documentário “Super Heroes Unmasked”(2003) produzido pelo canal History.

¹³ VIANA, Nildo. Breve História dos super-heróis. In: REBLIN, Iuri e VIANA, Nildo (orgs.). Super-Heróis, Cultura e Sociedade. São Paulo: Ideias e Letras, 2011. pp. 4

fictício para motivar os heróis do mundo real. No mundo fictício o super-herói tem habilidades sobre humanas, esse vai ter inimigos com habilidades do mesmo nível. Isso demonstra que até o super-herói tem suas dificuldades, mas sempre consegue vencer o “mal”.

No filme isso não parece estar dando os resultados esperados, enquanto os civis veem o Capitão como um herói de guerra, os soldados em campo de batalha não pensam o mesmo. Pois estes vivem os desafios de uma batalha dia-a-dia, para eles o Capitão não passa de uma marionete do governo que tem o intuito de expressar para os civis que ele está resolvendo tudo com as próprias mãos.

O verdadeiro propósito de Steve Rogers, o Capitão América

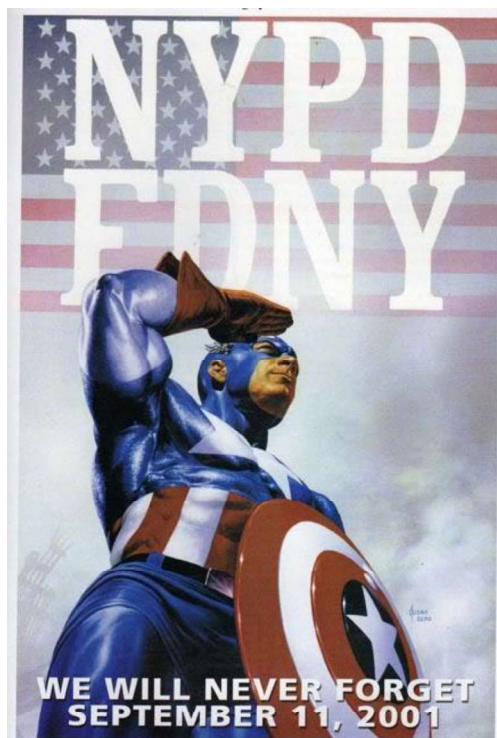
Rogers sabe que não está ajudando da forma que sempre imaginou. Em uma conversa com Peggy, ele sente-se desapontado, pois queria estar cruzando o oceano e enfrentando nazistas na linha de frente no campo de batalha. Vejamos que ele mesmo sabe que está fazendo um papel de um macaco de circo, fazendo shows e publicidade para o governo. A agente Carter informa que um pelotão foi atacado e alguns soldados capturados pelos homens de Schmitd, esse pelotão era o que seu melhor amigo Bucky fazia parte, na Áustria. Este foi o motivo que encorajou Rogers a entrar na linha de combate e ajudar seu amigo e o restante do pelotão, mesmo contra as ordens de seus “superiores”.

Enquanto Rogers está a caminho da Áustria, Schmitd ordena que seja aumentada em 60% a produção de suas novas armas de destruição. O cientista alega que os prisioneiros não terão forças para isso, Schmitd responde “sempre ha mais escravos”. Os produtores tiveram a intenção de passar a imagem de que se os planos de Schmitd dessem certo, o mundo viveria em uma escravidão eterna. Quando Steve consegue entrar na base inimiga ele rouba uma amostra de uma das armas de Schmitd, e ainda consegue destruir a base inteira libertando os seus companheiros de guerra. Quando o Capitão América, que todos os soldados pensavam ser inútil, chega trazendo com sigilo o resto do pelotão para a base americana, ele passa ter um novo propósito, tanto na sabotagem de estratégias inimigas como na linha de frente de guerra. Quando o Capitão enfrenta pela primeira vez Schmitd, os telespectadores conhecem a luta entre o bem e o mal, o maniqueísmo, o Caveira Vermelha foge numa tentativa de continuar o seus planos em sua base principal, pois sua ideia não é enfrentar os EUA de frente, mas sim num golpe traiçoeiro de ataque nuclear em massa pelas costas na cidade de Nova Iorque.

Howard Stark, pai de Tony Stark (o representante armamentista americano da Marvel), um cientista e empresário do ramo de armamento de guerra, analisa a amostra roubada por Steve. Muito depois do fim da guerra, Tony Stark cria um reator de energia, que foi projetado em cima dos estudos de seu pai. A tecnologia usada pelos Alemães na Segunda Guerra agora é usada pelos Estados Unidos, graças ao seu maior contribuidor de arsenal bélico.

O Capitão começa liderar as forças americanas contra os inimigos, ao contrário da versão da HQ, seu amigo Bucky não morre em um avião, mas numa explosão num trem, enquanto o Capitão continua vivo. Entretanto a sua “morte” se dará na colisão do avião que estava pilotando com uma geleira, depois de derrotar o Caveira Vermelha. Avião este que seria utilizado no ataque aos Estados Unidos, ficando congelado até os tempos atuais (11 de setembro). Nas HQs, depois de vencer a guerra o Capitão não interessava mais os seus leitores compatriotas, ele caiu no “esquecimento”, várias foram às tentativas sem sucessos de ressuscitá-lo, esse foi o motivo que fez os produtores a “congelá-lo” por aproximadamente 70 anos. Após o atentado “terrorista” de 11 de setembro os Estados Unidos passava por uma nova crise, agora o Capitão e o seu símbolo ideológico era mais do que necessário para os americanos, Steve voltava, mas em outro contexto de tempo, às vezes indo até contra o seu próprio governo, mas sempre defendendo aqueles que precisavam ser defendidos. No filme eles consideraram como se o Capitão nunca tivesse ressuscitado antes deste atentado, pois ao contrario de antes, agora os produtores de HQs tinham um motivo para trazê-lo de volta a vida, e não ficariam mais com o pé atrás se iriam vender ou não as aventuras do Capitão América. Nos quadrinhos e no filme ele se tornou uma imagem necessária.

Em todas as esferas da sociedade houve mudanças significativas. E os quadrinhos de super-heróis não poderiam deixar de estarem inclusos na parcela das mídias populares afetadas pelo processo. Logo após o 11 de setembro, em uma jogada de marketing fantástica, a Marvel espalhou diversos cartazes por Nova Iorque com o Capitão América estampado na maioria delas em mensagens de pesares pelo atentado – além disso, ela vendeu esses cartazes pela internet e o dinheiro arrecadado foi para as famílias dos bombeiros que morreram tentando salvar as vítimas (CHAGAS,2008).

Figura 4¹⁴.

Fonte:

<http://bobmitchellinthe21stcentury.wordpress.com/page/187/>

Numa passagem da HQ especial do Homem-Aranha lançada pela Marvel depois do atentado, o Capitão América diz, “O que dizer as crianças? Que o mal é um rosto estrangeiro?” (MARVEL, 2002). Nota-se que assim como na Segunda Guerra, o mal é representado pelos estrangeiros, em quase todas as séries norte-americanas de super-heróis. E como o “mal” foi vencido antes com a ajuda do Capitão América, por que não trazê-lo de volta para a esta nova luta? “Pois não há necessidade de heróis quando não há ameaça a sociedade estadunidense” (CHAGAS, 2008). Assim o Capitão acorda num tempo diferente do seu, onde ele já estava incluído num projeto que se chama “Iniciativa Vingadores”, um grupo de super-heróis que lutam contra as “forças do mal”.

Considerações finais

Tal análise ajudou a interpretar como é representado o período da Segunda

¹⁴ Cartaz referindo o atentado de 11 de setembro com a frase “nós nunca esqueceremos o 11 de setembro de 2001”

Guerra Mundial por uma produção cinematográfica. O importante neste, não é levantar quem estava do lado do bem ou do mal, pois todo ponto de vista, é vista de um ponto, mas sim expor argumentos retirados da própria trama para um melhor entendimento, mesmo que este se dê de uma produção do lado vencedor. Enganam-se aqueles que pensam que as histórias em quadrinhos é vista como uma fuga do mundo real, pois este, está repleto de interesses editoriais e políticos.

A periodização é um processo útil e necessário para compreender a evolução dos super-heróis. Através dela, podemos observar as grandes mudanças no universo ficcional dos super-heróis e, desta forma, entender o que provocou tais mudanças. Obviamente que a historicidade do gênero superaventura é uma historicidade dependente da historicidade da sociedade e, portanto, a periodização da história da superaventura está intimamente relacionada com a historicidade da sociedade moderna. (VIANA, 2007).

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- Bearley, Mark; BRADY, Matt & YOUNGQUIST, Jeff. “*Vingadores*”. In: Enciclopédia MARVEL. São Paulo: Mythos Editora, 2005.
- KIRBY, Jack; SIMMONS, Joe. *Captain America nº 1*. Estados Unidos: Marvel Comics, mar. 1941.
- CHAGAS, Luciana Z. *Capitão América: Interpretações Sócio-antropológicas de um Super-Herói de Histórias em Quadrinhos*. In: SINAIS – Revista Eletrônica. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.03, v.1, Junho. 2008. pp.134-162.
- Dorfman, A. e Mattelart, A. *Para ler o Pato Donald*. Comunicação de massa e colonialismo. 2ª edição, Rio de Janeiro - Paz e Terra, 1980.
- GOMES, Inairo. *Semente de democracia. A ideologia do mérito*. In: patrimônio do mérito. 2002.
- HOMEM-ARANHA- ESPECIAL 11 DE SETEMBRO nº1*. Em memória da tragédia de 11 de setembro. Ed. Panini Comics. 2002
- KROOPNICK, Steve; GRANT, James. *Superheroes Unmasked*. In: History channel. 2003.
- SANTOS, Aline. *A Segunda Guerra Mundial na linguagem dos quadrinhos. Capitão América: “A sentinela da liberdade” ou “O defensor da América para os americanos”?*. In: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/A%20Segunda%20Guerra%20Mundial%20na%20Linguagem%20dos%20Quadrinhos.pdf>. 2008.
- VIANA, Nildo. *Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos*. Ed. Achiamé. Rio de Janeiro. 2005.
- _____. *Breve História dos super-heróis*. In: REBLIN, Iuri e VIANA, Nildo (orgs.). *Super-Heróis, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

Gabriel Pierri de Souza

Acadêmico do segundo semestre em História na
Universidade Regional de Blumenau – FURB.
E-mail: gabriel_s2pierre@hotmail.com